

## **A VOZ QUE NOS RESTA E PULSA EM SOCIEDADE: UMA ANÁLISE DE GOTA D'ÁGUA**

Penélope Lopes de Lima\*  
Especialista em Dramaturgia  
(91) 9 8567-6402  
penelope\_lima94@hotmail.com

**RESUMO:** Gota D'água é uma obra de autoria de Chico Buarque e Paulo Pontes, escrita e encenada durante o período da Ditadura Militar. Este artigo teve por objetivo principal realizar uma análise geral da dramaturgia a partir de seus personagens e das relações por eles estabelecidas, identificando signos e mensagens através de suas falas e do contexto no qual estavam inseridos. Esta análise reforçou a percepção acerca do teor político e social presentes em Gota D'água, que traz consigo inúmeras questões que, mesmo décadas mais tarde, permanecem atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ditadura Militar. Dramaturgia. Sociedade. Teatro.

**ABSTRACT:** Gota D'água is a play by Chico Buarque and Paulo Pontes, written and staged during the period of Military Dictatorship in Brazil. The main objective of this paper was to conduct a general analysis of such dramaturgy focused on its characters and the relationships established by them, identifying themes and messages within their dialogue and the context in which they were inserted. This analysis reinforced the perception about the political and social content present in Gota D'água, which raises numerous issues that, even decades later, remain current.

**KEYWORDS:** Dramaturgy. Military Dictatorship. Society. Theater.

“Que está na boca da cidade inteira: ‘Gota D’água’, de Jasão de Oliveira!”

“*Gota D’água*” é uma obra escrita por Chico Buarque de Holanda e Paulo Pontes em 1975. Adaptação de “*Medéia*”, tragédia grega de Eurípedes, e inspirada por Oduvaldo Viana Filho; tem seus acontecimentos ambientados no subúrbio do Rio de Janeiro.

A dramaturgia, que recebeu o prêmio Molière como o melhor texto apresentado em 1975, é recheada de metáforas que explanam a realidade política e social do Brasil nos anos 70. Dolores Sousa (2005), afirma que “*Gota D’água*” foi um modo de encenar e expor a resistência democrática que ocorria no país, que nesta época lidava com as consequências de uma severa Ditadura Militar. Ele ainda ressalta que o texto mostra, de maneira sutil (ou nem tanto), o cenário social no qual estavam inseridas as classes baixas e médias do povo brasileiro em um período de grande opressão desta ditadura; ao mesmo tempo em que traz à tona suas lutas por direitos, justiça, liberdade e sobrevivência.

Nos anos 70, ocorreu no Brasil o que chamamos de “resistência democrática”. A censura trazia fortes obstáculos aos trabalhos artísticos, e deste modo, houve uma mudança na forma de lidar com este comedimento – não mais com colisões diretas. Desta forma, as críticas e manifestações se fizeram presentes em um grande número de produções artísticas e culturais nesse período, como em músicas e espetáculos, de modo implícito. Ao mesmo tempo surgia o “milagre econômico”, onde a classe média encontrara um ensejo de desenvolvimento financeiro. Se observa que, nesta obra (como nas demais expressões artísticas), o intuito não consiste apenas em representar; mas em considerar as discussões, valores, os contrastes e indagações que os autores julgavam reais e relevantes de um determinado período e contexto histórico; trazendo elementos dessa realidade para a cena (SOUSA, 2005).

Este teor político que rodeia a trama condiz com o histórico de seus autores. Paulo Pontes nasceu em 1940 e faleceu em 1976. Ator, dramaturgo, e um grande militante político comunista; produziu, durante as décadas de 60 e 70, dramaturgias que retratavam a realidade da época e do contexto político e social no qual estava inserido. Entre as suas obras, estão “*Um Edifício Chamado 200*” e “*Check-Up*”. Chico Buarque de Holanda nasceu em 1944. Seria arquiteto, mas optou pela música popular, atingindo grande sucesso a partir de 1966. Suas obras sofreram grande censura nos anos de Ditadura Militar, o que o levou a passar uma temporada no exterior, retornando em 1970. Em suas peças e em suas músicas, a forma poética com a qual conseguia expor suas críticas sócio-políticas atravessavam a censura e chegavam até o público. Entre as dramaturgias de sua autoria que marcaram este período, estão “*Roda Viva*” e “*Ópera do Malandro*”.

A peça buscou causar reflexões a respeito do capitalismo e suas consequências: o acúmulo de riquezas em uma parcela da população, enquanto a maior parte continua refém da pobreza. Segundo Miriam Hermeto (2011), por relacionar vários elementos, como o verso e a prosa, “*Gota D’água*” foi considerada uma inovação no teatro brasileiro; e é nacionalmente uma obra de referência na literatura ao trazer, em seu discurso, fortes críticas ao sistema capitalista; além de críticas sociais em conjunto com dramas humanos, o que, através de sua linguagem popular, alcança diversos públicos.

Eduardo Machado (2011), em seu trabalho, mostra que o próprio samba de Jasão já indica a tragédia anunciada: “e qualquer desatenção, faça não, pode ser a gota d’água”. No desenrolar da trama conhecemos a história da protagonista Joana, mulher forte, que encontra-se em um momento de extrema vulnerabilidade após ser abandonada por seu companheiro Jasão, com quem teve dois filhos e um relacionamento de dez anos. Jasão, por sua vez, colhe os frutos da fama e do sucesso de seu samba intitulado “*Gota D’água*”; e está prestes a enriquecer facilmente ao se casar com Alma, mulher jovem e rica pela qual Joana foi trocada. Alma é filha e herdeira de Creonte, dono do conjunto habitacional “Vila do Meio-Dia”; local onde Jasão residia com Joana e seus dois filhos, e onde se desenvolve todo o enredo da dramaturgia. Os encontros de Joana e Jasão durante a peça, são recheados de tensões. Suas falas refletem mágoas, ressentimentos e duras ofensas.

“*Gota D’água*” é uma dentre tantas obras que foram inspiradas e construídas a partir do mito de Medeia. Apesar de ter sido escrita muitos anos depois, com outras particularidades e em outro contexto histórico e social, as semelhanças entre as duas obras nos fazem refletir sobre o papel e o significado de ser mulher perante a sociedade; ao nos mostrar que isso vai para além de tempo e/ou espaço: Nos anos 400 a.C, em 1975 e ainda hoje, a mulher é vítima direta de uma sociedade constituída pelo machismo e o patriarcado. Nos mais antigos registros que possuímos acerca da humanidade, temos comprovações e evidências de que a mulher sempre esteve em uma posição inferior à do homem; e tanto Medéia, como Joana, não aceitavam a situação que lhes foi imposta como consequência da ação de seus companheiros. Duas mulheres distintas, de classes sociais opostas, que ao terem sua dignidade colocada à prova e sua estrutura familiar rompida, agem como mulheres à frente do seu tempo. Tomadas pela sua dor, abandonadas, sozinhas, humilhadas, traídas e cheias de ódio; deixam a racionalidade em segundo plano e passionalmente conduzem seus passos para concretizar seu desejo de vingança que atinge diretamente os filhos do casal. Ademais, vale a pena ressaltar a forma que a maternidade é explorada através das personagens Joana e Medéia. Ambas externalizam em diversos momentos as sensações de sobrecarga, dor e exaustão que rodeiam o significado de ser mãe; por vezes, até mesmo responsabilizando os filhos pela situação na qual se encontram. Aparentemente aos olhos de todos, a tarefa de ser pai é mais simples e fácil, o que permite a seus ex companheiros se eximir da

responsabilidade para como os filhos e então construir uma nova vida; enquanto fica, para a mulher, o dever de arcar com tudo sozinha. Em contrapartida, quando ficam sensibilizadas, Joana e Média demonstram o afeto, o cuidado e a preocupação com as crianças; entrando em conflito com a ideia de tirar-lhes a vida.

No primeiro ato, a história é conduzida principalmente pelos demais personagens que formam o coro. Os assuntos mais abordados do momento são o atual estado de Joana, o sucesso de Jasão e a cerimônia de seu casamento. Moradores da Vila, vizinhos de Joana e Jasão que comentam entre si os fatos da situação, expondo ao público o que aconteceu – e as visões pessoais de cada um. Enquanto as vizinhas aparentam se compadecer da dor de Joana, os rapazes (com exceção de Cacetão e Egeu), enxergam com bons olhos a atitude de abandonar mulher e filhos, para casar com a herdeira de Creonte e ascender socialmente:

CORINA — *“Parte, Jasão, pro banquete da meia dúzia.*

*Vai, come e bebe e vomita e come e bebe e esquece e cospe na marmitta dos que eram teus...”*

ZAÍRA — *“Esse moleque Jasão nunca me enganou*

*Se melhorou de vida não era pra dar alguma boa vida pra Joana?...”*

XULÉ — *“Tirar os pés da lama, ele está certo, já tirou*

*É moço, tem que aproveitar a ocasião*

*Senão, fica afundando aqui o resto da vida*

*Quem nasce nesta vila não tem mais saída, tá condenado a só sair no rabecão ou no camburão...”*

AMORIM — *“Trepado nas ancas de mãe Joana ele ia ser o quê?*

*Outro mestre Egeu?*

*Aqui, garanto: qualquer um, para sair desta merda, vendia a mãe, a mulher, pai, filho e Espírito Santo”*

Aos poucos, temos acesso aos detalhes do ocorrido. O enredo gira em torno da história de Joana, porém, ao longo do texto nos deparamos com outras situações – como a dificuldade dos moradores da Vila em quitar as prestações de suas casas. Enquanto isso, Egeu, compadre de Jasão e Joana, homem inteligente e dono da oficina da Vila do Meio-Dia, diante dos recorrentes desabafos que escuta, orienta todos os seus vizinhos a suspenderem o pagamento das prestações, como forma de protesto às multas, juros e correções impostos por Creonte:

EGEU — *“Pois ouça, Boca, não pague nem um tostão*

*Se ninguém paga, é que não tem de onde tirar  
Se você paga, vai tirar toda a razão de quem tem todas as razões pra não pagar"*

Ao mesmo tempo, tomamos conhecimento do convívio de Alma e Jasão. Em seus diálogos, nota-se o incômodo da moça com a origem do rapaz, o desinteresse dele em relação à pessoa dela em si e aos preparativos do casamento e da casa nova, o jogo de poder que rege o relacionamento e o quanto a presença de Joana ainda permanece entre os dois:

ALMA — *"Então, pra começar, vê se você esquece tudo o que é passado, esquece aquela mulher. (...) Viveu co'a desgraça, gostou, não está a fim de melhorar. Essa mulher é uma raiz pregada nos seus pés..."*

ALMA — *"Essa mulher tá fazendo falseta  
Taí na praça pública, gritando, xingando, querendo que a gente morra, exibindo os filhos, envenenando, uma praga..."*

JASÃO — *"Não fala isso, porra"*

ALMA — *"Está vendo?"*

*"É ou não é como eu digo?"*

*"Ela está entre nós dois."*

Especialmente nas falas do personagem Creonte, e nos diálogos que ele tem com Jasão, fica clara a diferença de classes que conduz a trama. Sempre se referindo à Jasão em tons de ironia e deboche, Creonte menospreza o trabalho do genro enquanto músico; ao mesmo tempo em que, por outro lado, reconhece a sua esperteza e sagacidade:

CREONTE — *"(...) Não vai fazer como fez co'a outra, não. Comeu, gozou, depois, feito banana, jogou fora a casca. Presta atenção: a minha filha é filha de bacana. Eu dei-lhe de tudo. E co'esse violão você não vai dar conta do recado"*

JASÃO — *"(...) Agora quem às três da manhã tá de olho aberto, se espreme pra chegar no emprego às sete, lá passa o dia todo, volta às onze da noite pra acordar a canivete de novo às três, tinha que ser de bronze pra fazer isso sempre, todo dia levando na marmita arroz, feijão e humilhação..."*

Jasão, aqui, simboliza as camadas pobres que passam a compor "o banquete da meia dúzia". Joana, por sua vez, é a representação de um povo excluído, sem voz, sem esperanças e sem teto. Para ela resta o grito, a mágoa, e a execução da vingança:

JOANA — *"Só que essa ansiedade que você diz não é coisa minha, não, é do infeliz do teu povo, ele sim, que vive aos trancos, pendurado na quina dos barrancos. Seu povo é que é urgente, força cega, coração aos pulos, ele carrega um*

*vulcão amarrado pelo umbigo. Ele então não tem tempo, nem amigo, nem futuro, que uma simples piada pode dar em risada ou punhalada, como a mesma garrafa de cachaça acaba em carnaval ou desgraça. É seu povo que vive de repente porque não sabe o que vem pela frente; então ele costura a fantasia e sai, fazendo fé na loteria, se apinhando e se esgoelando no estádio, bebendo no gargalo, pondo o rádio, sua própria tragédia, a todo volume, morrendo por amor e por ciúme, matando por um maço de cigarro e se atirando debaixo de carro. Se você não aguenta essa barra, tem mais é que se mandar"*

Desde sua primeira entrada, Joana dá sinais da tragédia que está prestes a acontecer. Após dedicar dez anos de sua vida ao companheiro e receber em troca uma traição, ela permanece firme em seu desejo de vingança. Ao ver falhar o seu plano de matar seus inimigos, Joana assassina seus dois filhos e se suicida em seguida. Em todo o seu discurso ao longo do texto, Joana traz um sentimento dúbio pelos filhos: ora tratando-os como a sua única razão de viver, ora como fardo. Humilhada, traída, desprezada, sozinha e negligenciada pelos seus; Joana expõe sua mágoa através de diversas falas:

JOANA — *"Ah, os falsos inocentes!*

*Ajudaram a traição*

*São dois brotos das sementes traiçoeiras de Jasão*

*E me encheram, e me incharam, e me abriram, me mamaram, me torceram, me estragaram, me partiram, me secaram, me deixaram pele e osso*

*Jasão não, a cada dia parecia estar mais moço, enquanto eu me consumia"*

JOANA — *"Essa cambada está se divertindo às minhas custas.*

*Sei que eles estão*

*Riam de mim, mas não de filho meu*

*Não deles, que são a única prova de que algum dia por aqui viveu uma mulher que foi bonita, nova, gostosa e até feliz...*

*Não é nada disso, merda.*

*Eles são a evidência da dor de uma mulher desesperada*

*E dessa dor, são causa e consequência, isso sim..."*

JOANA — *"Não fale mais nada, não Jasão, não me deixe alucinada*

*Você sabe que eu te odeio, Jasão*

*Mas contra você todas as vinganças seriam vãs, seu corpo está fechado*

*Você só tem, pra ser apunhalado, duas metades de alma: essas crianças*

*É só assim que eu posso te ferir, Jasão?*

*É essa a dor que você não suportaria?*

*Que é isso, Jasão? Me aponta outro caminho..."*

Machado (2011) define a cena final de Joana, na qual ela mata os filhos e se suicida em seguida, como comovente e dramática. Hermeto (2011), ressalta que neste momento da peça, não há uma maldade conduzido a ação. Pelo contrário, a mãe se une aos filhos com afeto e proteção, buscando sua redenção; caracterizando um ato mais próximo da compaixão do que da retaliação – ao contrário do que se esperava. Neste desfecho, vemos uma Joana desesperada, sem enxergar outros caminhos para onde correr. Impossibilitada de suportar sua própria dor, ela vê na morte uma possibilidade de libertação para si e para os filhos. Elizabete Rocha (1998), também atenta que a atitude drástica de Joana, ao acabar com a própria vida e de seus filhos, pode ser vista de outros modos. Neste caso, um modo de alcançar a justiça divina, já que não foi possível obter a justiça dos homens. Uma representação do povo que sofre, possui a esperança de uma existência nobre, e traz consigo a sua luta.

Sousa (2005) faz uma análise acerca da traição de Jasão à Joana, afirmando que este fato, na trama, representa também a traição à sua própria origem: o povo, que luta arduamente para garantir sua sobrevivência. Hermeto (2011) reforça esta hipótese, ao apontar a tragédia não apenas como a morte de Joana e dos filhos, mas como o indivíduo pode se perder e ser corrompido pelo sistema, a ponto de esquecer os seus.

Em uma analogia, Jasão faz sua escolha pelo sistema capitalista, e isto fica evidente não apenas na atitude de abandonar mulher e filhos com o intuito de ter maiores condições financeiras; mas ao utilizar seus conhecimentos para auxiliar Creonte a manter o controle sobre o povo. Entretanto, Jasão parece não esquecer completamente de onde veio, trazendo falas que representam a luta de sua classe:

*JASÃO — "Seu Creonte, eu venho do cu do mundo, esse é que é o meu maior tesouro. Do povo eu conheço cada expressão, cada rosto, carne e osso, o sangue, o couro... Sei quando diz sim, sei quando diz não, eu sei o seu forte, eu sei o seu fraco, sei a elasticidade do seu saco. Eu sei quando chora ou quando faz fita, eu sei quando ele cala ou quando grita, e o que ele comeu na sua marmita, eu sei pelo bafo do seu sovaco. Eu conheço sua cama e o seu chão, já respirei o ar que ele respira; a economia para a prestação da casa, eu sei bem de onde é que ele tira. Eu sei até que ponto ele se vira, eu sei como ele chega na estação, conheço o que ele sente quando atira as sete pedras que ele tem na mão. Permita-me então discordar de novo, que o senhor não sabe nada de povo, seu coração até aqui de mágoa e povo não é o que o senhor diz, não. Ceda um pouco, qualquer desatenção, faça não, pode ser a gota d'água"*

Creonte, aqui, seria o símbolo da repressão, da classe dominante, do poder e do controle. Através dele é possível expor abertamente questões relacionadas às diferenças de classes sociais e refletir acerca do contexto histórico no qual a obra foi construída. Creonte, com um discurso persuasivo; tenta passar a imagem de quem se preocupa com o povo, enquanto utiliza artimanhas para impor suas ordens, valores e atitudes desejadas; convencendo a todos de que este é o caminho para o progresso –

uma referência à Ditadura Militar. Ao ter em Jasão um futuro genro, encontra nele uma ponte para influenciar aquela comunidade a seu favor. O relacionamento e os diálogos entre os dois traz muitas referências políticas, sinalizando desigualdades sociais:

CREONTE — *"(...) Vou lhe dizer o que é que é o brasileiro, alma de marginal, fora-da-lei, à beira-mar deitado, biscateiro, malandro incurável, folgado paca, vê uma placa assim: 'Não cuspa no chão', brasileiro pega e cospe na placa  
Isso é que é brasileiro, seu Jasão..."*

JASÃO — *"Não, ele não é isso, seu Creonte*

*O que tem aí de pedra e cimento, estrada de asfalto, automóvel, ponte, viaduto, prédio de apartamento, foi ele quem fez,  
ficando co'a sobra*

*E enquanto fazia, estava calado, paciente.*

*Agora, quando ele cobra é porque já está mais do que esfolado de tanto esperar o trem."*

CREONTE — *(...) "E é ingrato..."*

JASÃO — *"Não, é cansado..."*

CREONTE — *(...) "São ingratos, sim senhor, e tem mais: este teu povo é porco, relaxado*

*Aquilo lá é imundo, malcuidado*

*Furam parede, tapam a janela, dependuram roupa, feito favela*

*Ninguém lá faz benfeitoria, só fazem filhos e feitiçaria"*

Em oposição à figura de Creonte temos Egeu, que aqui simboliza o comunismo e as dificuldades da população. Mestre Egeu, como é chamado pelos habitantes da Vila por sua sabedoria e inteligência, se dispõe a orientar quem precisa de auxílio. Gradualmente, mostra e tenta alertar a seus companheiros, explanando as injustiças e explorações a que estão submetidos pelo poder. Crítico e maduro, media os conflitos e cria soluções para as problemáticas expostas, a fim de conquistar transformações. Defende, em seus discursos, a consciência de classe, os valores relacionados à família, e o trabalho relacionado com a nobreza do homem:

EGEU — *"Olha, samba é só uma espécie de feriado que a gente deixa pra alma da gente. Mas você não se iluda porque a vida se ganha é no batente"*

EGEU — *"Comadre, Jasão está dividido entre tudo o que teve de melhor na vida, os teus filhos, o teu amor, e aquilo que lhe foi oferecido. Ouça, comadre, é tão duro um sujeito passar a vida inteira na penúria, tendo ao lado tanto luxo e luxúria que, eu quase diria, tem o direito de fazer sei lá o que quer que seja. Pode virar ladrão ou assassino, quer dar uma rasteira no destino pra não seguir vivendo no ora-veja e conseguir um lugar no outro lado. Se Jasão ainda está indeciso é porque é bom."*

"*Gota D'água*", através de seu enredo e seus personagens, nos permite visualizar muitas questões cotidianas da realidade brasileira que permanecem atuais. Ao nos depararmos diariamente com Joanas, Egeus, Creontes e Jasões; podemos notar que a representação de nossa sociedade em seus versos é vívida, poética e por vezes feroz, como um punhal que escancara todas as mágoas de uma população.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo teve por objetivo analisar e realizar uma breve contextualização sobre a dramaturgia *Gota D'água*, relacionando características políticas e sociais da época à construção dos seus personagens. Observa-se, inclusive, que cada personagem possui uma representação bem relevante acerca de uma temática político-social específica (por exemplo, as figuras de Egeu e Creonte, que compõem a oposição entre o comunismo e o capitalismo). Na ocasião da conclusão do meu Curso Técnico em Teatro tive a honra de interpretar a personagem Joana, o que me aproximou da obra e fez surgir o desejo de aprofundar os conhecimentos acerca desta. Para tanto, além da vivência nos palcos, foram realizadas (re)leituras detalhadas do texto e de artigos que contextualizam esse período histórico.

Apesar de ter sido escrita há mais de quatro décadas, *Gota D'água* traz em seus textos uma veracidade extremamente atual acerca da sociedade brasileira. Pontes e Buarque, com seus olhares críticos e aguçados, conseguiram transpor com louvor, da realidade para a ficção, inúmeras problemáticas que naquela época já se faziam presentes. A dramaturgia relata não apenas a veracidade do subúrbio do Rio de Janeiro, mas também de grande parte das pessoas que moram nas regiões periféricas espalhadas pelo Brasil afora. Ao utilizar-se de uma linguagem pública e popular, os autores fizeram possível atingir justamente seu público alvo: o povo.

A obra nos traz como protagonista a figura de uma mulher refém de uma história de amor. Joana também representa as milhares de mães/mulheres brasileiras colocadas à margem, abandonadas, vítimas da violência e do descaso público. Em uma época onde a figura feminina explode novamente com tanta força, gritando ao mundo sobre seus direitos e sua liberdade, é válido ressaltar o significado que Joana traz consigo nesse contexto para todas nós, mulheres, que seguimos resistindo em uma sociedade que ainda tenta nos diminuir através de questões de gênero.

Por meio do texto, também temos contato com importantes valores que direcionam a política comunista, em paralelo à corrupção de mentes e almas por parte do sistema capitalista em que vivemos. Uma acusação à manipulação das relações humanas pelos detentores do poder, o que acaba por tornar as pessoas em nada além de mercadorias descartáveis em prol da manutenção do jogo de interesse e lucro que rege nossa sociedade.

Deste modo, evidencia-se uma vez mais a potência e relevância desta obra para os meios artístico e social; tendo em vista sua forte e poética contribuição para estes campos.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUARQUE, C.; PONTES, P. **Gota D'água**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

HERMETO, M. O Contexto Mental da Tragédia Brasileira Gota D'água: Diálogos com a Cultura Política Comunista. In: **sÆculum - Revista de História**. Ed. 24, 1º sem, 2011.

MACHADO, E. Sentimentos universais em Gota d'água. In: **Revista Ave Palavra**. Ed. 12, 2º sem, 2011.

ROCHA, E. **A gota que se fez oceano: o espetáculo da palavra em Gota D'água**. 224f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

SOUSA, D. Tradições e Apropriações da Tragédia: Gota D'água nos Caminhos da Medéia Clássica e da Medéia Popular. In: **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**. Vol. 2, Ano II, nº 3, 2005.